

## GRUPO TECENDO REDES: PARA ALÉM DO CUIDADO - HISTÓRIAS E IDENTIDADES DAS CUIDADORAS NO NÚCLEO DE ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO DA UFPEL

## WEAVING NETWORKS GROUP: BEYOND CARE - STORIES AND IDENTITIES OF CAREGIVERS IN THE ACCESSIBILITY AND INCLUSION CENTER AT UFPEL

Liana Barcelos Porto  
Unifatecie

 0000-0002-6098-4393

DOI: 10.33872/rebesde.v5n2.e046

### CONTATO

Liana Barcelos Porto  
lianabarcelosporto@gmail.com

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo analisar as transformações vivenciadas por cuidadoras de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) ao participarem do Grupo Tecendo Redes, uma iniciativa promovida pelo Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). O grupo foi concebido como um espaço de acolhimento e fortalecimento do autocuidado para essas mulheres, que frequentemente enfrentam a sobrecarga de serem as principais responsáveis pelo cuidado dos filhos. A cada semana de encontros, as participantes compartilharam suas experiências e desafios, desenvolvendo um vínculo emocional que possibilitou uma nova percepção sobre si mesmas, além de seu papel de cuidadoras. As atividades propostas pelas estagiárias de Terapia Ocupacional, cuidadosamente alinhadas aos temas de cada encontro, tiveram um papel fundamental na construção de uma rede de apoio que incentivou essas mulheres a reconquistar sua autonomia e a reformular seus papéis ocupacionais. O grupo também permitiu que as participantes vissem a importância do autocuidado como elemento essencial para a sustentabilidade do cuidado que prestam aos seus filhos. Além disso, destaca-se a relevância do grupo como agente de transformação social dentro da universidade, promovendo a luta por práticas educacionais mais inclusivas. A análise evidencia que, ao cuidarem de si mesmas, essas mulheres se tornam protagonistas em suas vidas e agentes de mudança em prol de um ambiente universitário mais acessível e humanizado.

**Palavras-chave:** Autocuidado. Cuidadoras. Inclusão. Apoio social.



**Abstract:** This article aims to analyze the transformations experienced by caregivers of students with Autism Spectrum Disorder (ASD) when participating in the Tecendo Redes Group, an initiative promoted by the Accessibility and Inclusion Center (NAI) of the Federal University of Pelotas (UFPel). The group was designed as a space to welcome and strengthen self-care for these women, who often face the burden of being primarily responsible for caring for their children. At each week of meetings, participants shared their experiences and challenges, developing an emotional bond that enabled a new perception of themselves, in addition to their role as caregivers. The activities proposed by the Occupational Therapy interns, carefully aligned with the themes of each meeting, played a fundamental role in building a support network that encouraged these women to regain their autonomy and reformulate their occupational roles. The group also allowed participants to see the importance of self-care as an essential element for the sustainability of the care they provide to their children. Furthermore, the relevance of the group as an agent of social transformation within the university stands out, promoting the fight for more inclusive educational practices. The analysis shows that, by taking care of themselves, these women become protagonists in their lives and agents of change in favor of a more accessible and humanized university environment.

**Keywords:** Self-care. Caregivers. Inclusion. Social Support.

## **INTRODUÇÃO**

O presente artigo busca provocar uma reflexão crítica sobre o papel de “quem cuida” de pessoas com deficiência, com um recorte específico no ambiente universitário. Ao tratar desse tema, é imprescindível considerar não apenas o papel dos profissionais de apoio, mas também o papel central que familiares, especialmente as mães, desempenham na vida de estudantes com deficiência. No contexto da educação inclusiva, muito se discute sobre as adaptações e suportes necessários para garantir o acesso e a permanência dos alunos, mas pouco se fala sobre as redes de apoio informal, como as cuidadoras, que muitas vezes estão sobrecarregadas com a responsabilidade do cuidado.

A realidade dessas cuidadoras, em particular, no ambiente universitário, é marcada por uma série de desafios invisíveis, desde a ausência de suporte adequado até a falta de reconhecimento do impacto que o cuidado intensivo tem sobre suas vidas pessoais e profissionais. Ao observarmos o papel dessas cuidadoras, especialmente, mães de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), nota-se que elas frequentemente enfrentam uma sobrecarga física e emocional, resultante de uma distribuição desigual das responsabilidades de cuidado. A sociedade, ao longo do tempo, tem atribuído o cuidado e o amor quase exclusivamente às mulheres, perpetuando uma visão romantizada do papel materno, o que reforça a invisibilidade da sobrecarga imposta a essas mães.

Neste artigo, analisaremos as transformações vivenciadas por essas cuidadoras a partir de sua participação no Grupo Tecendo Redes, uma iniciativa do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), que busca proporcionar um espaço de acolhimento e fortalecimento do autocuidado. O objetivo é compreender de que forma essas mulheres, ao serem inseridas em um espaço de apoio coletivo, conseguem resgatar sua autonomia e reformular sua identidade para além do papel exclusivo de cuidadoras. Também será realizada uma análise crítica sobre como a inclusão universitária deve ir além do foco nos alunos, estendendo-se às suas famílias e cuidadores, reconhecendo-os como parte integral do processo de construção de um ambiente verdadeiramente inclusivo.

## **CONTEXTUALIZAÇÃO**

O Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), foi criado em agosto de 2008, no âmbito do programa "Incluir", promovido pelo Ministério da Educação (Brasil, 2010). O objetivo desse programa é fomentar a inclusão de estudantes com deficiência nas Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), assegurando o

acesso e a permanência desses alunos, com ênfase no respeito à diversidade dentro do ambiente universitário.

A equipe do NAI é composta por uma coordenadora docente do curso de Terapia Ocupacional, além de dois técnicos em assuntos educacionais, quatro psicopedagogas, seis estagiários de Terapia Ocupacional (TO), vinte e cinco intérpretes de libras e quarenta tutores bolsistas. O núcleo atualmente oferece suporte a duzentos e setenta e três estudantes com deficiência, sendo que oitenta e nove deles são diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA), o que representa mais de um terço do total de atendidos.

Considerando que o papel do terapeuta ocupacional envolve a intervenção em diversas dificuldades que afetam o cotidiano das pessoas, inclusive, na área educacional, é essencial refletir sobre os desafios e as temáticas que emergem na intersecção entre terapia ocupacional e educação, particularmente no contexto da educação inclusiva. Essa análise é crucial para compreender as barreiras que os estudantes com deficiência, especialmente os com TEA, enfrentam no âmbito educacional (Pereira, 2018).

As pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), classificado como um transtorno do neurodesenvolvimento, são caracterizadas, segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5 (American Psychiatric Association, 2014), por aspectos essenciais como o comprometimento persistente na comunicação e na interação social recíproca. Em função dessas características, foi proposto um grupo de habilidades sociais voltado à participação ativa dos estudantes com TEA, buscando promover o desenvolvimento dessas competências e favorecer sua inclusão no ambiente universitário.

As demandas trazidas pelos próprios alunos e a observação contínua realizada pelas psicopedagogas e terapeutas ocupacionais que os atendem evidenciaram a necessidade de ampliação das estratégias de apoio. A partir dessas percepções, foi criado um grupo específico para familiares e cuidadores dos discentes com TEA, com o objetivo de fornecer suporte a esses atores essenciais na dinâmica de cuidado e acompanhamento educacional.

Historicamente e culturalmente, o papel de cuidadora tem sido atribuído predominantemente às mães, uma realidade que se intensifica quando o filho apresenta algum tipo de deficiência ou transtorno do neurodesenvolvimento. Esse fenômeno está enraizado em uma construção patriarcal da sociedade, onde o amor e o cuidado são vistos como atributos naturais e intrínsecos às mulheres, enquanto os homens são tradicionalmente desvinculados dessas responsabilidades. Verena Stolck (2015) aborda criticamente essa questão ao destacar como o "amor materno" é muitas vezes romantizado, invisibilizando a sobrecarga emocional e

física imposta às mulheres. De acordo com a autora, esse tipo de atribuição reforça o conceito de que o cuidado e o afeto são quase obrigações femininas, uma expectativa social que aprisiona as mulheres em um papel exclusivamente ligado à maternidade.

Essa divisão desigual de responsabilidades de cuidado é ainda mais acentuada no contexto de mães de crianças com deficiência. Rosa et al. (2010) enfatizam que essas mães acabam dedicando uma quantidade desproporcional de tempo e atenção ao cuidado dos filhos, o que afeta significativamente o seu desempenho ocupacional e, conseqüentemente, seu bem-estar. Ao assumir quase integralmente o cuidado dos filhos, essas mulheres frequentemente enfrentam dificuldades em equilibrar suas vidas profissionais, sociais e pessoais. Além disso, essa desigualdade no cuidado cria uma dupla opressão: por um lado, a pressão cultural para serem "boas mães" e, por outro, a invisibilidade da necessidade de autocuidado, que é vista como uma forma de "egoísmo" ou negligência.

A crítica de Stolck à romantização do cuidado destaca a necessidade de uma redefinição social dos papéis de cuidado, onde o amor e o cuidado não sejam vistos como atributos exclusivamente femininos, mas sim como uma responsabilidade compartilhada igualmente entre os gêneros. Essa visão mais igualitária permitiria uma distribuição mais justa das tarefas relacionadas ao cuidado, além de contribuir para a valorização e reconhecimento do trabalho invisível que muitas mães realizam, especialmente no contexto da maternidade atípica.

Dessa forma, ao delegar o amor e o cuidado somente às mulheres, a sociedade perpetua um ciclo de desigualdade que afeta diretamente o equilíbrio ocupacional dessas cuidadoras, restringindo seu tempo e energia para outras atividades essenciais à sua realização pessoal e profissional. Portanto, é fundamental questionar e desafiar essas normas culturais e trabalhar em prol de uma sociedade que reconheça o cuidado como uma responsabilidade coletiva, garantindo que essas mulheres tenham acesso a redes de apoio efetivas e a espaços onde possam desenvolver-se como indivíduos, além de cuidadoras.

O desempenho ocupacional, segundo o Modelo Canadense de Desempenho Ocupacional e Engajamento (COPM-E, 2009), é definido pela capacidade do indivíduo de realizar suas atividades cotidianas e ocupar os papéis próprios do seu estágio de vida. Esse desempenho é influenciado pela interação entre a pessoa, o ambiente e as ocupações que ela exerce. No caso das mães de pessoas com TEA, percebe-se uma sobrecarga que afeta negativamente sua capacidade de manter o equilíbrio entre as diversas ocupações, uma vez que o papel de cuidadora se torna predominante e, muitas vezes, exclusivo.

A reflexão sobre o papel das cuidadoras se alinha ao conceito de consciência coletiva, desenvolvido por Durkheim (1895), que explora as normas e valores compartilhados que orientam comportamentos individuais e coletivos. Dentro da sociedade patriarcal, estabeleceu-se uma consciência coletiva que atribui à mulher a responsabilidade primária pelo cuidado da família, o que, no caso de mães de pessoas com deficiência, é intensificado. Essa sobrecarga tende a reduzir a identidade dessas mulheres à função de cuidadoras em tempo integral, limitando sua participação em outras esferas da vida.

Diante desse cenário, a implementação de atividades grupais, como as realizadas no grupo Tecendo Redes, emerge como uma estratégia crucial para a transformação dessa realidade. Tais grupos oferecem um espaço de construção de novas formas de consciência coletiva, onde as cuidadoras podem compartilhar suas vivências, validar suas emoções e, principalmente, desenvolver estratégias de enfrentamento coletivo. Esse processo de troca e apoio mútuo contribui para a redefinição dos papéis dessas mulheres, permitindo que reconquistem identidades plurais que vão além do cuidado exclusivo, fortalecendo-as em suas diferentes dimensões de vida.

## **METODOLOGIA**

O Grupo Tecendo Redes foi concebido em março deste ano, com sua implementação ocorrendo efetivamente no mês de abril. O processo de mobilização dos participantes se deu por meio de uma articulação estratégica conduzida pelo Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI), que utilizou o envio de convites oficiais via e-mail para os estudantes atendidos pela instituição. Esse convite inicial visava informar e engajar as famílias, cuidadores e interessados na proposta do grupo, promovendo a criação de um espaço de apoio mútuo e reflexão.

A inscrição dos participantes foi organizada de forma simplificada e acessível, utilizando um formulário eletrônico elaborado no Google Forms, o que permitiu mensurar de forma prática o interesse e a adesão ao projeto. Esse método garantiu a acessibilidade e inclusão, oferecendo flexibilidade tanto para a inscrição quanto para a participação no grupo. Embora a inscrição inicial tenha se concentrado nos meses de março e abril, o grupo permanece aberto a novas adesões ao longo do tempo, possibilitando que qualquer pessoa interessada se integre ao projeto em um momento posterior.

As sessões do grupo são realizadas de forma presencial no Campus Anglo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), com encontros que ocorrem semanalmente, às segundas-feiras, com duração média de 1 hora e 30 minutos. A frequência de participação varia entre 6 a 8 cuidadoras a cada sessão, o que contribui para a criação de um ambiente mais íntimo e acolhedor, facilitando o compartilhamento de experiências e a criação de vínculos entre as participantes.

A equipe responsável pela condução das atividades é formada por três estagiárias do curso de Terapia Ocupacional e uma psicopedagoga, todas sob a supervisão da coordenadora do NAI. Essa composição multidisciplinar da equipe garante que as atividades sejam conduzidas de forma profissional e sensível às necessidades das participantes, utilizando abordagens metodológicas centradas tanto no acolhimento quanto no desenvolvimento pessoal.

Um dos principais aspectos metodológicos adotados, foi a sincronização dos encontros do Grupo Tecendo Redes com as atividades de habilidades sociais destinadas aos estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Essa estratégia foi escolhida como forma de otimizar o tempo das cuidadoras, permitindo que, enquanto seus filhos participam das atividades focadas no desenvolvimento de habilidades sociais, elas possam participar das sessões do grupo, dedicando esse momento a elas mesmas, ao autocuidado e à reflexão. Essa sincronia entre as atividades tem sido uma das razões do sucesso do grupo, contribuindo para o alto engajamento e adesão das cuidadoras.

A primeira sessão foi planejada para introduzir os objetivos do grupo e apresentar suas participantes. Nessa sessão inicial, as cuidadoras foram convidadas a compartilhar um pouco de suas histórias de vida e interesses pessoais, o que facilitou a construção de um ambiente de confiança e conexão. Em seguida, foi realizada uma dinâmica de grupo intitulada "Mapeando as Demandas", na qual as participantes escreveram em notas adesivas temas de interesse pessoal, que posteriormente foram organizados em um grande mural. Essa atividade resultou em um mapa coletivo de temas como "autocuidado", "parentalidade" e "sobre mim", refletindo as principais preocupações e interesses das participantes.

Com base nas demandas levantadas, foram estruturados os encontros subsequentes. Cada sessão foi organizada em dois momentos principais: o primeiro voltado para uma atividade de interação, visando o fortalecimento dos vínculos e proporcionando um espaço de descontração; o segundo focado em uma temática específica previamente definida, abordando

tópicos como autocuidado, gestão do tempo, e o equilíbrio entre os diversos papéis ocupacionais das cuidadoras. As temáticas foram definidas em conjunto entre a equipe facilitadora e as próprias cuidadoras, garantindo que o conteúdo das sessões fosse relevante e adaptado às suas necessidades e interesses.

A condução dessas atividades prioriza metodologias participativas e dialógicas, onde as experiências individuais são valorizadas como parte do processo de aprendizado e apoio mútuo. Além disso, as atividades são desenhadas para promover a autorreflexão e o fortalecimento das redes de apoio entre as participantes, constituindo um espaço seguro para a partilha de desafios e estratégias de enfrentamento.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Ao longo dos encontros do Grupo Tecendo Redes, foi possível observar o desenvolvimento de vínculos entre as participantes, que relataram transformações significativas tanto na forma como se percebem, quanto na maneira como se conectam com outras mães e cuidadoras. Essas mulheres, que historicamente foram condicionadas a desempenhar o papel de “super-heroínas” ou “mães guerreiras”, enfrentam o peso de uma sobrecarga emocional e física decorrente da falta de apoio social adequado e da distribuição desigual de responsabilidades no cuidado com os filhos (Luna et al., 2023). Essa atribuição, ainda profundamente arraigada nas sociedades patriarcais, restringe suas identidades ao papel de cuidadoras, frequentemente em detrimento de seu autocuidado e desenvolvimento pessoal.

A literatura sobre cuidados parentais em contextos de deficiência reforça que as mães, em especial, são vistas como as principais responsáveis pela criação e manejo das dificuldades dos filhos (Sanini, 2010), o que agrava a desigualdade nas relações de cuidado dentro do núcleo familiar. Ao assumir esse papel de forma solitária, as mulheres acabam por negligenciar seu próprio bem-estar. Essa realidade foi vividamente ilustrada nos relatos das participantes do grupo, que compartilharam, com frequência, o impacto positivo de finalmente terem um espaço para falar sobre si mesmas. Depoimentos como “Sinto que aqui posso falar sobre mim, não só sobre meu filho” e “Estou conseguindo tirar um tempo para mim” revelam uma transformação significativa nas atitudes em relação ao autocuidado.

Esses relatos se alinham às discussões teóricas sobre o modelo de autocuidado proposto por autores como Orem (2001), que destaca a importância do equilíbrio entre cuidar de si e cuidar do outro. A participação no grupo proporcionou um espaço seguro e livre de

juízos, onde essas mulheres puderam redescobrir sua própria identidade para além do papel de cuidadoras. Isso se refletiu em gestos práticos, como enviar fotos de si mesmas cuidando de sua aparência – com unhas feitas ou cabelo pintado –, que simbolizam a retomada de pequenas, mas importantes, práticas de autocuidado. Segundo Tronto (1993), o ato de cuidar inclui quatro fases inter-relacionadas: cuidado consigo mesmo, cuidado pelo outro, aceitação do cuidado e a própria ação de cuidar. Assim, o reconhecimento da necessidade de autocuidado é o primeiro passo para o fortalecimento das mães enquanto indivíduos, o que lhes permite continuar desempenhando seu papel com mais equilíbrio emocional.

Além do fortalecimento do autocuidado, os relatos também indicam que o vínculo emocional e a sensação de pertencimento foram elementos essenciais para o sucesso do grupo. Frases como “Adoro estar no grupo” e “Nunca me senti tão acolhida” evidenciam o impacto positivo que a dinâmica de apoio mútuo e troca de experiências gerou nas participantes. A construção de redes de apoio, ainda que inicialmente limitada ao grupo, atua como um importante mecanismo de proteção emocional, aliviando parte das responsabilidades diárias dessas mulheres (Sanini, 2010). Nesse sentido, o grupo promove um espaço de co-construção de estratégias de enfrentamento, onde o compartilhamento de vivências facilita a elaboração coletiva de soluções para os desafios cotidianos.

O impacto do grupo também transcende o âmbito individual, refletindo-se no bem-estar emocional das participantes e no relacionamento com suas famílias e comunidade. O fortalecimento da identidade individual dessas mulheres como mais do que cuidadoras tem repercussões diretas sobre suas relações familiares, contribuindo para uma dinâmica mais saudável e equilibrada. A pesquisa de Mendes (2017) aponta que a percepção de suporte e acolhimento em grupos de mães de crianças com deficiência tende a promover uma melhora no estado emocional dessas mulheres, impactando positivamente suas famílias.

Outro aspecto relevante que emerge das atividades do grupo é sua função como agente de sensibilização para a sociedade e para a comunidade acadêmica. O desenvolvimento de uma consciência coletiva (Durkheim, 1895) em torno da inclusão e do acolhimento das diferenças contribui para práticas educacionais mais adaptadas e acolhedoras. Ao permitir que essas mães compartilhem suas experiências e reflexões dentro de um ambiente inclusivo, o Grupo Tecendo Redes não apenas impacta diretamente as participantes, mas também atua como um catalisador para a transformação da cultura institucional da universidade, promovendo práticas mais

humanizadas e inclusivas, que levam em consideração as necessidades específicas tanto dos alunos com deficiência quanto de seus cuidadores.

As vivências no Grupo Tecendo Redes reafirmam a relevância do autocuidado e do senso de pertencimento como fatores essenciais para o bem-estar das participantes. Essas experiências evidenciam que, ao promover o autocuidado e fortalecer laços de apoio entre as cuidadoras, há um impacto positivo em sua saúde emocional e na maneira como se percebem enquanto indivíduos. Além disso, essas reflexões ressaltam a importância de implementar políticas públicas e práticas educacionais mais inclusivas, que não apenas atendam às necessidades dos estudantes com deficiência, mas também integrem as famílias e cuidadores como agentes fundamentais do processo de inclusão, reconhecendo seu papel vital na promoção de um ambiente educacional mais acolhedor e humanizado.

## **CONCLUSÃO**

Ao longo das semanas de participação no Grupo Tecendo Redes, foi possível observar transformações profundas e contínuas nas cuidadoras, tanto no âmbito pessoal quanto no coletivo. Cada encontro revelou a construção e o fortalecimento de laços de apoio mútuo, promovendo uma transformação no modo como essas mulheres se percebem. O vínculo estabelecido entre elas transcende o papel exclusivo de cuidadoras, permitindo que comecem a se reconhecer como mulheres, amigas e parceiras em uma jornada de autonomia e autocuidado. Essa mudança não é apenas uma conquista pessoal, mas também um reflexo de uma luta diária e incansável por ambientes mais acessíveis e inclusivos, especialmente no contexto universitário.

O Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI), por meio do Grupo Tecendo Redes, está proporcionando às cuidadoras a oportunidade de reconstrução pessoal, recuperando suas identidades que, muitas vezes, foram obscurecidas pelos desafios da maternidade atípica. A criação de uma rede de apoio tem sido essencial para oferecer a essas mulheres um espaço seguro para expressar suas dúvidas, buscar orientação e receber afeto. Essa rede não apenas apoia suas necessidades imediatas, mas também as ajuda a reformular suas ocupações, revivendo sonhos, objetivos e metas que, em muitos casos, foram deixados de lado devido às exigências do cuidado intensivo com filhos com deficiência ou transtornos do neurodesenvolvimento.

Um dos elementos centrais que contribuem para o empoderamento e a singularidade dessas mulheres são as tarefas semanais propostas pelas estagiárias de Terapia Ocupacional. Essas atividades, alinhadas cuidadosamente aos temas trabalhados em cada encontro, funcionam como uma estratégia poderosa para reforçar a importância do autocuidado. O processo de planejar e participar dessas atividades gera uma conscientização sobre o equilíbrio entre cuidar de si mesmas e o cuidado que oferecem a seus filhos. Como argumenta Tronto (1993), o cuidado é um processo que exige reciprocidade, e isso inclui o reconhecimento de que, para que o ato de cuidar seja sustentável, é necessário cuidar de quem cuida. Este grupo, portanto, não apenas acolhe essas cuidadoras em suas necessidades imediatas, mas também as capacita a enxergar o cuidado de si como uma parte fundamental do cuidado que prestam a seus filhos.

O impacto desse grupo transcende o campo do apoio emocional, influenciando a forma como essas mulheres se posicionam na sociedade e no ambiente acadêmico. Ao retomarem a autonomia sobre suas próprias vidas, elas também se tornam agentes de transformação social, desafiando a estrutura tradicional da maternidade e da responsabilidade exclusiva pelo cuidado. Além disso, a própria configuração do grupo atua como um espaço para a construção de novas práticas inclusivas e de empoderamento dentro da universidade, abrindo caminho para uma universidade mais acessível, não apenas para os estudantes com deficiência, mas também para as famílias e cuidadores que desempenham um papel crucial no processo de inclusão.

É importante reconhecer que, embora o grupo tenha proporcionado avanços significativos no bem-estar emocional e social dessas cuidadoras, ainda há desafios a serem superados. A luta por um ambiente universitário verdadeiramente inclusivo não é apenas uma questão de promover acessibilidade física, mas também de garantir que as redes de apoio continuem a crescer e se fortalecer, acolhendo todos os envolvidos no processo de cuidado. O apoio institucional deve ir além do individual, incorporando práticas que visem políticas públicas de inclusão que reconheçam as cuidadoras como sujeitos fundamentais na construção de um ambiente mais justo e equitativo.

Finalmente, a experiência do Grupo Tecendo Redes sublinha uma lição importante: a inclusão social e educacional não é um processo unilateral. Para que seja bem-sucedida, ela deve envolver todos os atores, incluindo aqueles que, silenciosamente, sustentam a vida acadêmica dos estudantes com deficiência — seus familiares e cuidadores. Ao se concentrar na importância do autocuidado, o grupo proporciona uma nova visão para essas mulheres,

permitindo-lhes redescobrir seus papéis, não apenas como mães e cuidadoras, mas como mulheres autônomas, capazes de lutar por seus direitos e contribuir para uma sociedade mais inclusiva.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais DSM-5** (5ª ed.). Artmed. Baio, J., Wiggins, L., Ch. 2014.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, DF: MEC, SEESP, 2010.

Durkheim, E. (1895). **As Regras do Método Sociológico**. Tradução de Les règles de la méthode sociologique. Paris: Félix Alcan.

LAW, M.; COOPER, B.; STRONG, S.; STEWART, D.; RIGBY, P.; LETTS, L. **The Canadian Occupational Performance Measure (COPM)**. 4. ed. Ottawa: CAOT Publications ACE, 2009.

LUNA, Aislany Warlla Nunes et al. Percepções de mães de crianças com autismo sobre rede apoiadora e estratégias de cuidado consigo. **Revista de Enfermagem da UFPI**, v.12, 2023. Disponível em: <<https://periodicos.ufpi.br/index.php/reufpi/article/view/4284/3951>>. Acesso em: 23 de set. 2024.

MENDES, E. **Autocuidado e suporte emocional em mães de crianças com deficiência: impacto nas dinâmicas familiares**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

OREM, D. E. (2001). **Nursing: Concepts of Practice**. 6th edition. St. Louis: Mosby.  
PEREIRA, Beatriz Prado. **Terapia Ocupacional e Educação: as proposições de terapeutas ocupacionais na e para a Escola**. 2018. 281 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.

ROCHA, Eucenir Fredini. A Terapia Ocupacional e as ações na educação: aprofundando interfaces. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 18, n. 3, p. 122-127, set./dez. 2007.

ROIZ, Roberta Giampá; FIGUEIREDO, Mirela de Oliveira. O processo de adaptação e desempenho ocupacional de mães de crianças no transtorno do espectro autista. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Carlos, capítulo 31, edição 3304, 2023.

SANINI, Cláudia; BRUM, Evanisa Helena Maio de; BOSA, Cleonice Alves. Depressão materna e implicações sobre o desenvolvimento infantil do autista. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 16-23, 2010.

Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12822010000300016](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822010000300016). Acesso em: 19 set. 2024.

SIFUENTES, Maúcha; BOSA, Cleonice Alves. Criando pré-escolares com autismo: características e desafios da coparentalidade. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 15, p. 477-

485, 2010.

TRONTO, J. **Moral Boundaries: A Political Argument for an Ethic of Care**. New York: Routledge, 1993.

**Recebido em:** 20/11/2024

**Aprovado em:** 01/12/2024

**COMO CITAR ESTE ARTIGO:**

PORTO, L. B. Grupo tecendo redes: para além do cuidado - histórias e identidades das cuidadoras no núcleo de acessibilidade e inclusão da UFPEL. **REBESDE**, v. 5, n. 2, p. 1-13, 2024